



Grégory Samak

# O LIVRO SECRETO





Grégory Samak

# O LIVRO SECRETO

TRADUÇÃO DE JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Flammarion/Versilio, 2014

TÍTULO ORIGINAL  
Le Livre Secret

PREPARAÇÃO  
Clarissa Peixoto

REVISÃO  
Luísa Ulhoa

DESIGN DE CAPA  
Davide Nadalin

ADAPTAÇÃO  
Aline Ribeiro

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S178L

Samak, Grégory

O livro secreto / Grégory Samak ; tradução Julia Sobral Campos. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.  
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: Le livre secret  
ISBN 978-85-8057-818-8

I. Romance francês. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

15-26500

CDD: 843  
CDU: 821.133.1-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Louis-Elias, Raffaele e Stéphanie*



“Avanço com a confiança de um sonâmbulo  
pelo caminho que a Providência traçou para mim.”





# 1

*21 de dezembro de 1943*

O menino moveu seu cavalo branco para G3. Nesse instante, percebeu que necessariamente sofreria xeque-mate dali a duas jogadas. Aquele era, porém, o único movimento possível. Inevitável. Outras pessoas, mesmo mais velhas, teriam chorado ou deixado transparecer alguma emoção, mas ele ficou impassível, olhando fixo, à beira da hipnose, para o gélido brilho azul nas órbitas do adversário.

Usando um sobretudo marrom, o oficial deu um sorriso torto. Depois cuspiu no chão coberto de neve, aos pés dos guardas e detentos, o líquido negro proveniente do tabaco que mascava.

Havia três jogadas o soldado já sabia que ganhara a aposta...

Com um gesto repleto de arrogância, o homem avançou três casas com sua rainha, até H3.

Xeque.

O menino sentiu um nó na garganta. Uma onda de pavor passou pelos olhares dos espectadores — tanto os que pertenciam à raça dos senhores quanto à dos sub-homens ali detidos — que começavam a perceber o desespero da situação.

Apesar de tudo, o menino se esforçava para encontrar uma saída. Porém, não havia nenhuma, e seu rosto ficou lívido.

— Jogue! — berrou o soldado.

O menino se sobressaltou. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Jogue! — repetiu o homem, furioso.

Então, o menino avançou nervosamente seu rei: a única e fatal possibilidade.

Com a intenção de prolongar o efeito, o soldado nazista disfarçou sua satisfação. Aprumou-se na cadeira e, com uma lentidão calculada, posicionou sua rainha diante do peão branco na casa G5.

Xeque-mate.

Sem que nem sequer precisasse dar a ordem, seus homens se aproximaram do menino. Conforme o combinado, eles o imobilizaram e o forçaram a espalmar a mão direita em cima da mesa. A criança implorou, tentando em vão escapar de seu destino, mas ninguém interveio.

O mais imponente dos dois guardas pegou uma grande faca de aço com lâmina cega. A pequena presa gritou e se debateu feito um cão raivoso. O predador se deleitava com a vitória. Pegou mais tabaco e enfiou na boca sem desviar os olhos da cena.

Sem hesitar, apoiando-se na beirada da mesa, o homem com a faca cortou o indicador direito do menino, decepando a carne e quebrando o osso.

O tabuleiro de xadrez de mármore claro foi manchado por um grande jato de sangue vermelho-vivo.

As testemunhas da cena se dividiram entre sarcasmo e náusea, enquanto os gritos de dor do menino ressoavam por todo o campo número 1.

Ouviu-se ao longe a rajada de metralhadora de um enésimo pelotão de fuzilamento que mirava uma família já desgastada pela interminável viagem...

E o dedo cortado rolou no chão, sendo disputado com uma voracidade assustadora pelos cães, bem no meio do pátio enlameado e fétido do campo principal.

I

---

REX



# 2

## *Primeira metade do século XXI* *Viena – Áustria*

**E**lias era um homem solitário. Tinha seus hábitos, pequenas manias insensatas, como a maioria das pessoas de sua idade, e a vaga impressão de não ter vivido de modo suficientemente intenso. Dedicava um cuidado minucioso à arrumação de seus pertences pessoais. Em seu guarda-roupa, as camisas ficavam perfeitamente alinhadas e impecáveis, os sapatos eram organizados por cor e lustrados com uma atenção aos detalhes quase obsessiva.

O velho também tinha um lado misterioso. Nos momentos importantes de sua vida, ele repetia de forma inconsciente o mesmo ritual: o de mexer silenciosamente os dedos da mão direita como se tocasse um piano imaginário que só ele via.

E, mesmo mais de trinta anos após a morte de sua esposa, ele nunca havia conseguido abandonar o hábito de pôr a mesa para dois.



Elias Ein era seu nome. Vinha de uma grande e antiga família judaica do Leste Europeu, mas sua linhagem já pertencia ao passado: desaparecera completamente no fim da guerra.

Elias e Yélèna, sua irmã, eram atualmente as duas últimas pessoas carregando aquele sobrenome. Dois filhos, sem descendência, agora assolados pela velhice.

No início do século XXI, só lhes restava uma vaga lembrança do que seu pai e o pai de seu pai outrora lhes contara; ecos longínquos de uma idade de ouro ultrapassada.

Mas Elias também guardara outro vestígio daqueles tempos: uma velha caixinha de música, que ele apreciava mais do que tudo. Ganhara de presente da mãe na infância.

A caixa era de madeira de cedro incrustada de madrepérola. Davase corda ao mecanismo, que ficava escondido em um fundo duplo, com a discreta manivela de aço na lateral. Mesmo após muitos anos, ainda tocava perfeitamente a célebre melodia de Rachmaninoff, a *Rapsódia sobre um tema de Paganini*, opus 43. Era sua música preferida.

A herança de Elias se resumia ao simples conteúdo daquela caixa. Sob a tampa xadrez, havia um espaço interno coberto por veludo roxo desbotado, grande o bastante para guardar os tesouros do velho: três fotos de família com os cantos dobrados, uma aliança de ouro, cartas e uma pistola Luger que não funcionava mais.

Elias herdara a arma do pai. Ele a guardava como se fosse uma relíquia, em memória das horas terríveis que seus entes queridos haviam vivenciado.

Não entendia nada de política. Aliás, não era uma pessoa sociável. Sua natureza selvagem passara a predominar definitivamente quando ele tinha trinta e três anos, idade em que perdera Anna, sua única esposa que nunca lhe dera filhos. Era dela a aliança guardada na caixa há mais de trinta e cinco anos.

Ao longo de todo esse tempo que passou em Viena sendo funcionário da Meyer, uma grande empresa de seguros, ele exerceu seu trabalho escrupulosamente, dia após dia, sem se meter em confusão.

Parecia ter cumprido seu destino de homem simples e discreto. E, vendo-se à beira de seu septuagésimo aniversário, tudo que ambicionava era afastar-se daquela cidade para desfrutar sua aposentadoria em paz e aguardar — o máximo de tempo possível — o momento em que seu corpo enfraquecido, por fim, o trairia, e a morte o levaria.

Respondeu a um anúncio imobiliário. Um corretor vienense de Rainergasse oferecia, por um bom preço, uma casa sóbria na Alta Áustria, em Braunau am Inn mais exatamente, uma pequena cidade localizada na fronteira austro-alemã.

Era verdade que o lugar ficava abafado no verão, desagradável no inverno, mas a região era cercada por vastos bosques, propícios para passeios solitários.

Além disso, a residência tinha alma. Ela datava, pelo que lhe disseram, de mais de dois séculos: era o antigo lar de um aduaneiro e contava com uma fachada ocre e várias janelas de moldura branca. Afastada da cidade, a casa parecia desafiar os anos. Uma faxineira devia ter passado horas tentando deixá-la apresentável. Mas não conseguira disfarçar o desgaste dos vernizes e dos painéis. Por comodidade, os móveis de época foram cedidos com a casa.

O local tinha seis cômodos, pelo menos de acordo com o anúncio. No mezanino, a cozinha era mobiliada com uma mesa de madeira maciça e um velho fogão a carvão. Ao lado, ficava a pequena sala onde Elias logo colocara uma poltrona de veludo marrom e uma estante de livros, ambas trazidas de Viena. A outra sala, que servia de sala de estar, era maior e tinha paredes revestidas com painéis de madeira entalhada.

No primeiro andar havia dois quartos. Elias escolhera o mais espaçoso, deixando o outro desocupado. Os quartos eram interligados por um banheiro com azulejos gastos e torneiras lascadas. Ainda dava para sentir vagamente a presença de uma família que Elias imaginava austera, porém digna...

Remota e de aparência comum, a singular construção escondia uma natureza profunda: era, na realidade, um lugar repleto de lembranças e com um passado memorável. Seu interior era caloroso, mas apenas aqueles que se davam o trabalho de olhá-la verdadeiramente conseguiam perceber isso.

Por essa razão a casa lhe agradara: no fundo, era como ele...

## O QUE VOCÊ FARIA SE PUDESSE MUDAR O DESTINO?

Ao fim da vida, Elias Ein tem essa chance. Em suas mãos está o Grande Livro da Vida, uma obra sagrada escrita por Deus selando o destino de cada ser humano. O texto das páginas misteriosas se torna incandescente, queima sem se consumir, uma magnífica chama vermelha e dourada fazendo brilhar o futuro. As passagens extraordinárias darão a Elias a possibilidade de interferir no curso da história. Ele tentará salvar aqueles que ama – e com isso vai mudar o destino de todo um povo.

“Um fenômeno.”

*Le Figaro*

ISBN 978-85-8057-818-8



9 788580 578188

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)